InformAção, uma síntese noticiosa para a Rádio Comunitária Caraí FM [1]

Caroline KLEINÜBING[2]
Gilson Luiz Piber da SILVA[3]
Rogério Luiz KERBER[4]
Centro Universitário Franciscano, Santa Maria, RS

RESUMO

O programa "*InformAção*: síntese dos principais fatos do dia" é produto do projeto de extensão "Radiojornalismo Comunitário na Caraí FM – 106,3 MHz", realizado pelo curso de Jornalismo do Centro Universitário Franciscano (Unifra), de Santa Maria (RS), no ano de 2007. Durante dez minutos, de segunda a sexta-feira, o programa levou, ao vivo, informações para a comunidade de abrangência da Rádio Comunitária Caraí FM, localizada na zona Sul da cidade. A iniciativa surgiu como forma de exercitar o radiojornalismo comunitário em um veículo próprio, focado nos interesses da sua região; e ainda, usufruir do meio para colaborar na efetivação da cidadania. Uma parceria entre a instituição e a emissora possibilitou a aplicação prática dos conhecimentos teóricos adquiridos pelos alunos em sala de aula.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação; radiojornalismo comunitário; síntese noticiosa.

Introdução

Este artigo é resultado de um trabalho de extensão desenvolvido por acadêmicos do curso de Jornalismo da Unifra, durante o ano de 2007. O objetivo do projeto "Radiojornalismo Comunitário na Caraí FM – 106,3 MHz" foi produzir e apresentar dois programas jornalísticos de formatos diferentes, sendo um deles o "*InformAção*: síntese dos principais fatos do dia", valorizando a notícia local como estratégia para aproximar a comunidade da zona sul de Santa Maria da Rádio Comunitária Caraí FM, localizada na região. A idéia também era oportunizar experiência aos acadêmicos, por meio do exercício prático da profissão. A análise do campo jornalístico em foco teve o principal intuito de instigar o desenvolvimento da reflexão acerca do radiojornalismo comunitário.

---

[1] Trabalho apresentado no GT – Mediações e Interfaces Comunicacionais, do Inovcom, evento componente do IX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul.
[2] Estudante de Graduação 7º semestre do Curso de Comunicação Social: Jornalismo da Unifra/RS, bolsista Probex do projeto "Radiojornalismo Comunitário na Caraí FM – 106,3 MHz", email: ckleinubing@yahoo.com.br
[3] Orientador do trabalho. Jornalista, radialista, professor do Curso de Comunicação Social: Jornalismo da Unifra/RS e mestrando em Ciências da Linguagem pela Unisul (SC), email: gilsonpiber@yahoo.com.br.
[4] Jornalista graduado pelo Curso de Comunicação Social: Jornalismo da Unifra/RS, email: r.kerber@uol.com.br

De acordo com a Lei nº 9.612, de 20 de fevereiro de 1998, que confere existência legal às emissoras comunitárias, é compromisso desses canais de difusão de massa prestar serviços às comunidades. Alguns deles merecem destaque e são fundamentais para a programação dessas emissoras, como a difusão cultural do meio em que estão inseridas, divulgação de hábitos, tradições, idéias e ideais, além da promoção do estímulo ao lazer, integração e convívio. De acordo com Peruzzo (1998), a normalização da comunicação comunitária "representa um avanço no sentido de regulamentar um setor da radiodifusão de demanda crescente, tendo em vista a necessidade de mídias comunitárias no processo de mobilização em torno da ampliação da cidadania".

O material veiculado pelas RadCom[5] precisa ser produzido por profissionais capacitados e deve ser acompanhado e fiscalizado por um Conselho Comunitário[6], para a adequação aos interesses do grupo e aos princípios de regulamentação da Lei. Levando em consideração os posicionamentos citados, construiu-se a proposta de utilizar o canal para veicular programas radiofônicos informativos, atendendo à legislação vigente, à carência de informação dirigida, aos interesses de um grupo limitado e com características definidas e, ainda, à experiência acadêmica supervisionada.

Rádio Caraí FM: da legalização à parceria

No dia 19 de setembro de 2004 foi ao ar a primeira transmissão legalizada de uma rádio comunitária em Santa Maria. A Caraí FM 106,3 MHz abria espaço para um modelo de comunicação crescente no país. Uma alternativa, pioneira na cidade, frente aos veículos disponíveis, todos pertencentes a grandes grupos de nível estadual e nacional.

O processo de concessão do canal teve início ainda em 1998, após a aprovação da Lei federal sobre o serviço de radiodifusão. Representantes da comunidade mobilizaram-se para montar a Associação Cultural de Divulgação Comunitária da Vila Tropical e Região Sul de Santa Maria. O pedido pela legalização foi enviado aos setores

[5] Serviço de Radiodifusão Comunitária em Freqüência Modulada, operada em baixa potência e com cobertura restrita, outorgado a Fundações e Associações comunitárias, sem fins lucrativos, com sede na localidade de prestação do serviço.

[6] Os Conselhos Comunitários devem ter no mínimo cinco integrantes, que sejam representantes de entidades da comunidade local, como associações de classe, beneméritas, religiosas ou de moradores legalmente instituídos.

do governo, à Agência Nacional de Telecomunicações (Anatel) e ao Ministério das Comunicações. Em dezembro de 2003, o canal foi conferido, e a outorga para o funcionamento foi liberada no ano seguinte.

A Rádio Caraí está localizada na Rua Caracaraí, 49, Vila Tropical, região Sul de Santa Maria, RS. O sinal emitido pela rádio abrange 25 bairros da cidade, sendo que a antena transmissora não atingiu a altura limite imposta pelas regras da Anatel. A sede é uma adaptação na sala da residência do diretor, Paulo Roberto Rodrigues, e de sua esposa, Roselaine Magrini, apresentadora da maioria dos programas musicais da emissora. Ela também coordena o funcionamento administrativo e orienta os demais integrantes que participam da programação. É uma estrutura física simples, em um espaço de 12 metros quadrados, dos quais quatro abrigam o estúdio. A acústica do espaço é feita com caixas de ovos (papelão) pregadas com tachas. A aparelhagem técnica dispõe de dois microfones, uma mesa de som, um compressor de áudio, uma chave híbrida[7] e aparelhos para reprodução de CDs, DVDs e MD. O acervo de CD's possui aproximadamente 1.050 unidades, entre artistas locais, regionais, nacionais e internacionais, dos mais diversos gêneros. Há também uma linha telefônica com identificador de chamadas. A rádio ainda não possui um computador, o que impede o acesso à Internet, uma das prioridades para o diretor, por estar entre as principais necessidades cotidianas enfrentadas pela programação. O jornal "Diário de Santa Maria" é o único veículo de comunicação impresso recebido diariamente.

Por Lei, as rádios comunitárias, como esclarece Peruzzo (1998), "não têm fins lucrativos, vivem de apoio cultural, contribuições de sócios, doações e recursos arrecadados mediante a realização de festas etc. Às vezes, também veiculam anúncios comerciais e prestam serviços de áudio a terceiros". A rádio comunitária Caraí, usando dos exemplos dispostos por Peruzzo (1998), se mantém através de apoios culturais[8], veiculados durante a programação, cerca de nove vezes ao dia, em ordem seqüencial, sem nomeação de valores de produtos e serviços. Entretanto, existem outras possibilidades para as rádios comunitárias no Brasil.

> Aquelas que prestam alguns serviços comunitários, mas estão sob o controle de poucas pessoas e, em última instância, servem como meio de vida para seus

[7] Aparelho utilizado para emitir e receber áudio via linha telefônica, através de um link com a mesa de som.
[8] Empresas locais, que pagam o valor de R$ 50,00 mensais.

> idealizadores, os quais em geral também são seus donos. Há também aquelas mais estritamente comerciais, com programação similar as das emissoras convencionais, sem vínculos diretos com a comunidade local. Existem também emissoras de cunho político-eleitoral, ligadas a candidatos a cargos eletivos e seus respectivos partidos políticos. Essas estão mais preocupadas em fazer "campanhas disfarçadas" de candidatos. Há ainda emissoras religiosas, vinculadas a setores das Igrejas Católica e Evangélicas. (PERUZZO, 1998, p. 9)

Apenas em março de 2007, uma nova rádio comunitária, da mesma linha da Caraí FM, foi autorizada pela Anatel para veicular em Santa Maria. A rádio ComNorte, pertencente à Associação Cultural de Divulgação Comunitária do Bairro Salgado Filho e Região Norte de Santa Maria, localizada na Vila Kennedy, zona Norte da cidade e dirigida por Ronaldo Isaias Cabral da Silva foi legalmente autorizada a entrar no ar. As duas rádios dividem a freqüência, o que fez com que a ComNorte englobasse na sua transmissão alguns bairros que, até então, recebiam o sinal da zona Sul.

A parceria entre a Rádio Caraí e o curso de Jornalismo da Unifra iniciou em 2005, quando alunos[9] do 5º semestre na época descobriram a rádio por meio de um anúncio num jornal local. O canal, encontrado por acaso, serviu às exigências das disciplinas obrigatórias de Projeto de Extensão em Comunicação Comunitária I e II, para a veiculação de um produto radiofônico. A partir da relação, estabelecida em 2005, efetivou-se um convênio entre o curso de Jornalismo e a direção da rádio comunitária para veiculação das produções dos alunos e continuidade do programa pioneiro, "*Caraí Notícias* - A voz da comunidade", um radiojornal de uma hora de duração, apresentado ao vivo, do estúdio, na Vila Tropical.

Os moldes do *InformAção*

O programa "*InformAção*: síntese dos principais fatos do dia"[10] foi pensado em março de 2006. Sua primeira apresentação ocorreu no dia 17 de maio do mesmo ano, data do aniversário de Santa Maria. A idéia surgiu como estratégia para sanar carências de ambas as partes envolvidas no projeto. Havia a necessidade de colocar os acadêmicos do curso de Jornalismo no ar, diariamente, em um programa ao vivo, e a escassez de informação apontada aos moradores da região Sul, tendo em vista a existência, no local, de uma rádio comunitária legal, com mecanismos e aparelhagem para veicular um

[9] Rogerio Kerber, João Stock, Natasha Mruz e Peterson Furlan.
[10] O projeto foi desenvolvido pelo jornalista Rogerio Kerber, na época, acadêmico do 7º semestre do curso.

programa jornalístico via linha telefônica.

Nesta primeira etapa foram ao ar 142 programas, produzidos e apresentados por três acadêmicos[11] voluntariamente. A experiência teve êxito nos seus objetivos, o que proporcionou que o projeto de extensão fosse repensado para a construção metodológica de uma nova estrutura, com o encaixe de outras produções, apresentadas e aprovadas pelo Probex[12] em 2007.

O *InformAção* é uma síntese noticiosa de dez minutos de duração, estruturada por informações de assuntos similares e ordenada conforme a força da notícia. Em relação a sua duração, as sínteses apresentam diferentes tempos de apresentação. Algumas têm duração de três a cinco minutos, sendo veiculadas a cada trinta minutos ou num espaço de uma hora. Outras edições mais longas (com 10 minutos) são levadas ao ar no início ou final de cada turno do dia, como no caso do *InformAção*.

O programa foi apresentado ao vivo[13], de segunda a sexta-feira, das 20h às 20h10min, a partir do Laboratório de Rádio da Unifra, localizado no campus II, de 16 de abril até 14 de dezembro de 2007, num total de 154 noticiários. Ele está baseado em referenciais teóricos que justificam sua produção. Sínteses noticiosas, como o próprio nome diz, têm como finalidade sintetizar o relevante dos acontecimentos diários. Sua característica fundamental é a utilização de textos curtos e diretos e uma edição que privilegia a semelhança de assuntos, destacando o acontecimento mais importante no final do noticiário. A produção utilizou destes recursos para levar, à comunidade da região Sul, informação clara, simples, rápida e direcionada.

A produção de notícias diárias estava baseada no material disponível na Internet e em *releases* de assessorias de órgãos públicos, principalmente. Foram fontes de notícias para o programa a Prefeitura de Santa Maria, em primeiro lugar, devido ao valor-notícia de proximidade, os serviços disponibilizados pelo Estado e município (INSS, SUS, Bolsa Família, Programa Fome Zero, Segurança Pública, Sine, Sebrae, Sesc), e ainda os portais estaduais e nacionais de notícia. A seleção do material obedeceu aos valores-notícia especificados e coerentes com a proposta. Os filtros pelos quais as notícias passaram e a elaboração do tom conferido à informação seguem uma tendência justificada:

---

[11] Rogerio Kerber, João Stock e Caroline Kleinübing.
[12] Programa de Bolsas de Extensão da Unifra.
[13] O acadêmico Anderson Rangel Puiatti participou como voluntário da produção e apresentação do programa durante todo o ano de 2007.

> Quando nos referimos à linguagem coloquial do radiojornalismo não consideramos notícias como sendo unidades isoladas, mas subunidades interdependentes, que formam uma unidade maior: o programa informativo. Isso quer dizer que os nossos conceitos devem ser aplicados ao noticiário como um todo, através de um encadeamento dos assuntos. Para conseguirmos esse módulo, apelamos para uma das características principais de nossa comunicação interpessoal diária: um assunto puxa o outro. (ALVES 1974, p.30)

A produção segue três etapas: seleção, redação e montagem, e iniciava, em geral, a partir das 16h. Depois de selecionados os assuntos mais relevantes do dia, eram produzidas 11 notas, geralmente de seis a oito linhas, por programa. Quando a redação das notícias estava finalizada, as notas eram colocadas no *script* do programa, obedecendo às normas de ordem e seqüência. Nas sínteses noticiosas, as notícias são hierarquizadas em uma relação de crescente importância. Cada notícia destaque do dia corresponde a uma nota, redigida na forma de texto corrido. O estilo é utilizado pelas emissoras gaúchas em programas do mesmo formato, como o Correspondente Ipiranga, da Rádio Gaúcha AM, de Porto Alegre, e o Correspondente Guaíba, da Rádio Guaíba AM, também da capital gaúcha.

O roteiro de apresentação se baseia em outras atrações do gênero. Sua estrutura básica é: a escalada das manchetes do dia, a primeira deve ser a mais importante e será a última notícia do programa, e abertura. Logo após segue uma notícia sobre um fato importante, mas que não tenha repercussão em outro acontecimento, para ser lida separadamente. Após essa seqüência, entra o primeiro promocional institucional[14] da Unifra, o que quebra a ordem de informações lidas pelo locutor, tempo necessário para a reflexão por parte do ouvinte. Na volta, segue com 50% de notícias que são ordenadas por similaridade de tema. Nesse ponto, é feita uma escalada com as notícias que ainda serão destaques na edição e entra um novo promocional institucional. Volta do intervalo e segue com a veiculação dos outros 30% de notícias da edição. Nova escalada com a chamada para o fato mais importante do dia é feita. Entra outro espaço promocional. No retorno, é a vez da previsão do tempo, quando o programa se encaminha para o seu final com a divulgação dos 20% de notícias restantes. Para finalizar, entra o texto de encerramento.

[14] Texto de um dos quatro promocionais institucionais: "UNIFRA, uma instituição que há 51 anos prioriza a educação e o desenvolvimento. / Novas oportunidades e caminhos diferentes nascem na Unifra. //".

O fechamento do *InformAção* acontecia sempre entre 18h30min e 19h30min, com atenção para possíveis acontecimentos factuais relevantes[15], o que poderia mudar o roteiro pouco antes do programa ir ao ar.

Comunicação comunitária e cidadania

A compreensão da relação entre mídia comunitária e jornalismo está embasada nos estudos de diferentes autores acerca de emissoras comunitárias, à que se dispõem seu público e os produtos gerados para atender às suas necessidades. A inserção de um jornalismo específico, para cada meio, está cada vez mais presente nas emissoras em geral. O jornalismo tem hoje várias vertentes, que tendem a focalizar diferentes propostas. Podemos exemplificar o jornalismo investigativo, jornalismo sindical e jornalismo empresarial. Com a aprovação da Lei que ampara as rádios comunitárias, surge a necessidade da especialização do jornalismo para esses veículos, um jornalismo comunitário:

> A adoção deste formato significa voltar à programação para a comunidade. No rádio comercial em amplitude modulada, adquire características popularescas. [...] Já nas emissoras comunitárias - portanto, de baixa potência e alcance reduzido - representa a adoção de uma linha de trabalho afinada com os interesses dos ouvintes, servindo de canal aos seus anseios e buscando, deste modo, a resolução de problemas do bairro ou grupo de bairros de sua abrangência. (FERRARETTO, 2000, p. 62)

A tendência de programas voltados para a comunidade está invadindo a grade de programação das emissoras em todo o mundo. Segundo Cogo (1998), essa experiência está diretamente relacionada aos países latino-americanos. Outra tese, defendida por Paiva (1998), é de que as emissoras comunitárias constituem-se para defender os interesses de camadas menos representativas da sociedade e, especialmente, para fugir do monopólio dos grandes conglomerados de comunicação. Assim, conseguem garantir uma coesão entre uma fatia da população, expressando seus interesses e anseios comunicacionais:

[15] Como exemplo o dia da queda do avião da TAM, que decolou de Porto Alegre, ao pousar no aeroporto de Congonhas, em São Paulo. A notícia foi lida antes do encerramento do programa, direto da agência de notícias G1, acompanhando a midiatização do fato pelos canais de televisão.

> A premência por veículos de comunicação alternativos instala-se dentro de um horizonte em que as grandes redes de informação passam a monopolizar a versão pública sobre os fatos e sobre a verdade. (...) O movimento seguinte ao caracterizado monopólio dos conteúdos é o aparecimento do "excesso informativo", (...) que promove também um esvaziamento de sentido, diante do imenso e ágil fluxo de informação. (PAIVA, 1998, p.153)

Dessa maneira, a comunidade contemplada com um canal de RadCom busca uma visibilidade maior em relação aos órgãos governamentais, com o intuito de poder reivindicar seus direitos. Mas, para isso, é extremamente necessário que aconteça a participação massiva da comunidade na operação do veículo, que, segundo Paiva (1998), "é o meio de comunicação que integra, atualiza e organiza a comunidade, e realiza os fins a que ela se propõe".

Para justificar a inserção de acadêmicos de jornalismo na comunidade, Palácios (1991) defende que é necessária a intervenção de pessoas especializadas em comunicação, não excluindo assim a capacitação:

> Não se pode perder de vista o fato de que a comunidade, seja ela qual for, está inserida numa sociedade mais ampla e sujeita, como a sociedade como um todo, ao processo de divisão social do trabalho. É claro que a participação é desejável – mesmo essencial – quando se pensa em termos de trabalho comunitário. No entanto isso não exclui a especialização de funções. (PALÁCIOS, 1991, p.19)

O desenvolvimento de uma identidade que seja adequada à maioria dos moradores da região Sul, ouvintes da Rádio Caraí, é uma das possibilidades proporcionadas pelo veículo, quando utilizado para esse fim. Transformar a rádio em um instrumento de cidadania, a partir do processo de participação ativa da comunidade na produção da informação, é etapa importante do trabalho da Associação de Divulgação Comunitária, porque garante, além de legitimidade ao canal, voz ativa aos cidadãos integrantes do grupo social na busca por direitos e melhorias.

O trabalho na Rádio Caraí refletiu que a participação dos ouvintes não é nem constante nem massiva. Para Paulo Roberto Rodrigues, diretor da rádio, uma das causas pode ser a falta de interesse dos moradores em expor os problemas da comunidade. Quando o interesse existe, parte geralmente de líderes comunitários, mas são atos esporádicos. Peruzzo (1998) explica a atitude de determinadas camadas da população "sem tradições participativas e culturalmente impregnadas de vieses de conformismo e tendência a transferir aos governantes a responsabilidade pela solução dos problemas

sociais" como evidência da maior dificuldade da efetivação da cidadania em *medias* comunitários.

Considerações Finais

O rádio, como meio de comunicação de massa, possui uma audiência ampla, uma linguagem simplificada e atinge diferentes setores da população. Comparado a outros *media*, possui um custo de capital inferior e suas despesas de manutenção são pequenas. Usufruindo destas características, as emissoras estão introduzindo amplamente o jornalismo em suas grades de programação. Essa tendência vem sendo observada, tanto em emissoras comerciais AM's e FM's quanto em emissoras comunitárias, onde o raio de alcance é restrito.

Foi a partir da Segunda Guerra Mundial que o radiojornalismo começou a ganhar espaço nas emissoras, através do Repórter Esso. As sínteses noticiosas, formato do *InformAção*, passaram a ser produzidas e veiculadas no rádio. No mercado de trabalho, este é o formato mais utilizado para inserir informações simples e rápidas entre as atrações das grades de programação comerciais.

Para estudantes de graduação, a apresentação diária do programa "*InformAção*: síntese dos principais fatos do dia", ao vivo, foi um grande desafio. As exigências do projeto iam além da apresentação no estúdio do curso de Jornalismo, de notícias, via telefone. Era preciso buscar as informações, filtrar os fatos e os dados, refletir e elaborar o que iria ser apresentado aos ouvintes da Rádio Caraí FM, dentro dos objetivos do projeto, com critérios de aproximação, relevância, função social e comunitária. Era fundamental também se ater à teoria e às técnicas de montagem do roteiro, interpretação, narração e tempo. As características "diário" e "ao vivo", que o programa propunha, imprimiam sobre os estudantes responsabilidade pela qualidade e veiculação do produto, além da noção de *dead line*.

A parceria entre um curso de Jornalismo e uma rádio comunitária é de extrema relevância, com muitos benefícios para ambos os lados. Ganha a academia que coloca seus alunos diante da realidade da profissão, fora dos estúdios da Universidade. Ganha a rádio com a possibilidade de veicular material informativo de qualidade na sua programação. E, principalmente, ganha a comunidade com o acesso gratuito à informação preparada, focada na sua realidade e nas necessidades diárias, de saneamento, saúde e educação. As emissoras comunitárias devem se comprometer com

a melhoria nas condições de vida, a liberdade de expressão, o desenvolvimento da informação e da cultura dos cidadãos. Esses veículos precisam ser convertidos, de acordo com Nunes (2006), em um "instrumento de educação não-formal como caminho para o exercício de uma cidadania consciente, reafirmando práticas culturais coletivas responsáveis pela consolidação de uma identidade cultural determinada".

Utilizar os veículos de comunicação, inseridos dentro das comunidades, é uma forma inteligente e eficaz de trabalhar o senso crítico, a capacidade de análise, posicionamento e decisão dos cidadãos. As rádios comunitárias devem entrar na rotina dos cursos de graduação, assim como o pensamento acadêmico deve estar presente dentro desses veículos de comunicação de massa. O desenvolvimento dessa relação garante a evolução e a união de dois segmentos, que, se atuarem juntos, poderão refletir com sucesso os resultados de um trabalho coeso e cidadão.

REFERÊNCIAS

ALVES, Rosental Calmon. **Radiojornalismo e a linguagem coloquial**. Cadernos de Jornalismo JB. Rio de Janeiro: n. 45, 1974.

COGO, Denise M. **No ar...** *uma rádio comunitária*. São Paulo: Paulinas, 1998.

FERRARETTO, Luiz A. **Rádio:** *o Veículo, a História e a Técnica*. Porto Alegre: Sagra Luzzatto, 2001.

FUSER, Bruno. **Rádios comunitárias em Campinas**. In: COGO, Denise e MAIA, João (Org). Comunicação para a cidadania. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006. P. 141-156

MCCANN-ERIKSON PUBLICIDADE S.A.. **Repórter Esso, manual de produção**. Rio de Janeiro, 1963.

MCLEISH, Robert. **Produção de rádio** – *um guia abrangente de produção radiofônica*. São Paulo: Summus, 2001.

NUNES, Márcia Vidal. **As rádios comunitárias nas campanhas eleitorais:** *exercício da cidadania ou instrumentalização?* (1998-2000). In: COGO, Denise e MAIA, João (Org). Comunicação para a cidadania. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2006. P. 127-138

PAIVA, Raquel. **O Espírito Comum**: *Comunidade, Mídia e Globalismo.* Petrópolis: Vozes, 1998.

PALÁCIOS, Marcos. **Sete Teses Equivocadas Sobre Comunidade e Comunicação Comunitária**. In: Textos de Cultura e Comunicação. V. II, n°26. Salvador: Facom/UFBA, 1991. P. 15 – 23

PERUZZO, Cicilia M.K. **Participação nas Rádios Comunitárias no Brasil**. (versão ampliada do artigo apresentado no GT Cultura e Comunicação Popular do XXI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação). Set/1998. Disponível em www.bocc.ubi.pt

Lei
Lei nº 9.612, de 20 de fevereiro de 1998 – regulamenta o serviço de radiodifusão comunitária.

Decreto
Decreto 2.615 – regulamenta a radiodifusão comunitária.